

Sociedade do conhecimento¹

Por

S.Squirra

Introdução

Apesar da objetiva – e aparentemente simples – delimitação do título, deve-se apontar que o campo proposto é vasto e profundo e, ao mesmo tempo, movediço e complexo. No presente capítulo, pretendemos fazer uma abordagem panorâmica sobre a configuração da atual sociedade do conhecimento, suas origens e vieses de interpretação.

A sociedade do conhecimento trouxe consigo a velocidade do tempo real, com amplas possibilidades de controle, armazenamento e liberação de acesso a múltiplos conjuntos de informações. Cada vez mais, essas possibilidades tornaram-se alguns dos vetores mais importantes na definição da produtividade das economias nacionais, e a informação configurou-se como o principal ativo das empresas e países na sua busca por maior competitividade.

O termo conhecimento é polissêmico e escorregadio, atraindo atenção de diversos campos do saber. Por proximidade, vem despertando também muito interesse na confraria intelectual que estuda os fenômenos das comunicações.

Independentemente da definição que se adote para conhecimento, entretanto, há um denominador comum que aponta para uma sociedade do conhecimento que representa a combinação das configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades.

Tendo em vista a centralidade da informação nessa nova configuração da sociedade, há que se refletir se estamos em uma sociedade do conhecimento ou uma sociedade da informação, na qual a humanidade deixa suas bases originais na agricultura, posteriormente na manufatura e industrialização, para ingressar na economia da informação, na qual a manipulação da informação é a atividade principal.

Como nas outras configurações sociais, a sociedade da informação gera formas próprias de exclusão, entre aqueles que têm (“*have*”) e aqueles que não têm (“*have not*”) acesso ao ativo principal gerador de produtividade, no caso informação. Surge a reflexão sobre esse fenômeno, que vem sendo genericamente chamado de divisão digital (“*digital divide*”).

¹ Texto publicado no livro **Direitos à comunicação na Sociedade da Informação**. Org. por José Marques de Melo e Luciano Sathler, Editora Umesp, p.255-266, 2005, ISBN 85-87589-36-9

Concluindo o capítulo, fazemos uma discussão sobre as possibilidades teóricas advindas do estudo das relações entre o campo das comunicações e a sociedade do conhecimento.

Uma sociedade em tempo real

Pessoalmente, este tema vem há algum tempo “roçando-me a alma” (parafraseando Fernando Pessoa), principalmente após o surgimento de inquietações intelectuais provocadas pelos esforços de pesquisadores mais qualificados em transitar logicamente pelo mesmo.

De fato, não deveríamos estar falando de Sociedade do Conhecimento e sim, de Sociedades dos Conhecimentos! Por esta constatação, somada às dinâmicas das implantações tecnológicas e os vieses de interpretação na área de atuação deste pesquisador, o assunto vem provocando exaustivas reflexões e estudos que, após as transformações radicais por que passam as sociedades nos últimos anos, tornou-se mais um campo de interesse que de local para incômodos intelectuais.

Posto o título, o que inicialmente se constata é que o conceito de *Sociedade do Conhecimento* vem sendo cunhado e implementado nos últimos tempos nos diferentes cenários da cultura mundializada. Os princípios dessa sociedade trazem em si estampada as modernas e dinamicamente evolutivas práticas e modelos de ação dos países mais avançados do globo. Nela, as complexas possibilidades de controle, armazenamento e liberação de acesso aos múltiplos conjuntos de informações relegam a maior parte das nações a situação idêntica a que vivencia um espectador do interior de um país periférico, estando este numa pequena estação de trem por onde, de repente, passasse o TGV, o expresso de altíssima velocidade, ícone de uma das mais avançadas formas de conquista tecnológica.

Irrecusavelmente, este é o ordenamento -e a práxis- das modernas economias. Sem a consciência rápida e em tempo real, paradoxalmente focada e multifacetada ao mesmo tempo, e tão eficiente que permita galgar posições de destaque para a tomada imediata de decisões, não se pode ter segurança de pertencer ao mundo da competitividade, inserindo-se no seleto time de agrupamentos de comando do mundo atual. Resgatando a ilustração da estação de trem, entendo que, como coadjuvantes, somos convidados a entrar, desfrutar dos recursos disponibilizados no “trem de grande velocidade” contanto que paguemos o preço definido, nos comportando de acordo com o “figurino” e conservando-nos exclusivamente na condição de consumidores-fim do processo.

Qual sociedade do conhecimento?

Esta é a realidade dos tempos em que vivemos. Todavia, tanto para uns quanto para outros (os que estão “dentro” e os “marginais”), o termo vem se configurando como de difícil definição, não existindo consenso sobre o que significa, justamente pela abrangência e ambigüidade estrutural do termo. Na tentativa de trilhar a essência da existência, tanto o conceito de *Sociedade do Conhecimento* quanto o termo *conhecimento* vêm chamando a atenção dos especialistas de diferentes áreas. Pela sua abrangência e profundidade, interessa aos filósofos, economistas e toda sorte de cientistas sociais. Por proximidade, vem sendo muito útil à confraria

intelectual que estuda os fenômenos das comunicações. Também neste nível, entendimentos consensuais ainda estão distantes.

Genericamente, pode-se dizer que **conhecimento** seja o “ato de saber” de algo, de tomar consciência de determinado fato ou objeto, experiência ou relato. Todavia, **conhecimento** pode também ser entendido como a “familiaridade ou estado de consciência que se obtém com a experiência de estudar” determinado fato. Pode ainda ser entendido como a “soma da extensão/percurso/área do que tem sido encontrado, percebido ou aprendido” e, ainda, a “específica informação sobre alguma coisa”. Ressalta-se aqui a inclusão do conceito de **informação**, que abordaremos mais adiante.

Uma subdivisão da palavra **conhecimento** pode ainda incluir variantes como a) “conhecimento de objetos”, onde ocorrências sobre os distintos objetos são estocados; b) conhecimento de “ações e acontecimentos”, onde ocorrências sobre os múltiplos eventos são arquivados; c) conhecimento sobre “performances”, onde se estocam ocorrências sobre as habilidades, geralmente as experiências físicas e d) meta-conhecimento, quando se arrolam as constatações sobre o que se sabe que ainda não se sabe.

Os especialistas indicam ainda que para se entender melhor o termo conhecimento torna-se necessário a divisão em três categorias: declarativa, procedimental e estratégica. E definem que o **conhecimento declarativo** é aquele que nos diz por que as coisas funcionam da maneira que funcionam. O **conhecimento procedimental** traz implícitas as indicações de como realizar determinada tarefa. Por último, como **conhecimento estratégico** deve-se entender o conhecimento do contexto no qual determinados procedimentos devem ser implementados.

Outros lembram que o termo **conhecimento** é freqüentemente usado para se referir ao *conjunto de fatos e princípios acumulados pela humanidade no decurso do tempo*. Todavia, a idéia de se entender o conhecimento como algo que possa ser estocado em uma prateleira de mercearia é radicalmente criticado por muitos. Abrindo espaço, um setor da filosofia, a **epistemologia**, dedica-se ao estudo do conhecimento e suas fontes, variedade e limites. Na **epistemologia**, o **empirismo** indica que o conhecimento surge da experimentação, enquanto o **apriorismo** considera que o conhecimento é inato. Concretamente, o Aurélio define **epistemologia** como “teoria do conhecimento e metodologia”. E **conhecimento** como “ato ou efeito de conhecer, idéia, noção, informação, notícia, prática da vida, experiência.”

Sociedade do Conhecimento ou Sociedade da Informação

Qualquer que seja a definição e enquadramento, um denominador comum aponta que a **Sociedade do Conhecimento** representaria a combinação das configurações e aplicações da **informação** com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades. É importante destacar que seu escopo de abrangência vai além do mundo da internet e está redefinindo a economia global, trazendo consigo a transformação do mundo “inteligente” em todas as suas dimensões. Traz consigo os referenciais definitivos e irrefutáveis do domínio do mundo dos “negócios” a partir dos gigantescos bancos de dados, onde se encontra armazenada infindável miríade com todos os tipos de agrupamentos de informações, bancos estes dominados pelos grandes conglomerados e disponíveis para acesso em sofisticadas formas de “*pay-to-have*”.

De forma historicamente sumarizada, o *conhecimento* vem sendo assumido como um fator de produção e domínio, representando o denominador determinante dos desenvolvimentos econômicos e sociais. Isto, pois, desde a formação dos agrupamentos sociais, o conhecimento significava o domínio dos processos de plantar, construir e/ou manufaturar. Em todas as estruturas de aquisição, controle e trocas, as bases do domínio se concretizavam no *conhecimento* das formas de informação sobre os processos de construção, armazenamento e oferta. No mundo moderno, as necessidades de domínio dos processos de manipular, estocar e transmitir gigantescas (e cada vez mais crescentes) quantidades de informação, por meios cada vez menos dispendiosos, cresceu a níveis sofisticadíssimos, definindo quem sobrevive -ou não- em praticamente todos os setores dos negócios “em redes e em tempo real”. Esta realidade é tão definitiva que se crê que nas últimas décadas, de 70 a 80 por cento do crescimento da economia podem ser creditados ao maior e melhor domínio do conhecimento sobre as infundáveis, complexas e sutis camadas de informação em que se organiza a experiência humana.

Anteriormente introduzida, focaremos a palavra *informação*. Esta traz o radical formar, ou ainda, as palavras forma e também fôrma. O *Oxford English Dictionary* define-a como “a ação de informar, formação ou moldagem da mente ou da personalidade, treinamento, instrução, o ato de ensinar, o ato da comunicação de conhecimento instrutivo”. E apresenta um volume expressivo de outras definições e explicações das particularidades da palavra, revelando a extrema dificuldade em definir as suas inúmeras aplicações.

Michael Buckland (1991)² titula o capítulo primeiro de um livro de sua autoria com o sugestivo “A ambigüidade de ‘informação’”, de cara reconhecendo que “uma exploração do sentido de informação nos leva para dificuldades imediatas”. Sandra Braman (1989) adverte que tentar definir informação sem muitos cuidados e sem observar abordagens pluralísticas é politicamente problemático³. Thomas Davenport pergunta: “Afinal de contas o que é a informação?”⁴, ponderando que se deve começar por distinguir as diferenças entre dados, informação e conhecimento. Esse autor entende que “durante anos, as pessoas se referiram a dados como informação; agora, vêem-se obrigadas a lançar mão de conhecimento para falar sobre a informação”. Nas suas andanças teóricas, resgata a definição de Peter Drucker que definiu informação como “dados dotados de relevância e propósito”.

Neste contexto, enquanto a complexidade aumenta, cresce também o número de novas configurações de áreas que surgem na esteira teórica das demais ciências: dividir e estudar partes segmentadas do conjunto, visando conhecer e compreender adequadamente o todo. Neste intento, outros autores apresentaram a delimitação e conceito de *Sociedade da Informação*. Dentre eles, destaca-se Armand Mattelart que acrescenta que “a noção de **sociedade global da informação** é resultado de uma construção geopolítica”. Mattelart resgata Francis Bacon⁵ indicando que para esse intelectual “a palavra informação significa o mesmo que inteligência”⁶. Dedicar-se a traçar

² Buckland, M. *Information and information systems*. New York, Praeger, 1991, p.3

³ Braman, Sandra. *Defining information – No approach for policymakers*. Telecommunications policy, Stoneham, Butterworth & Co, 1989, p.233

⁴ Davenport, Thomas. *Ecologia da informação*. S.Paulo, Futura, 2001, p.18

⁵ Mattelart, Armand. *História da sociedade da informação*. S.Paulo, Loyola, 2002, p. 14

⁶ no original *intelligence*

todos os percursos já definidos, apresentando os intelectuais que, de uma forma ou de outra, contribuíram para melhor entender este recorte. Resgata Leibniz⁷, declarando ter sido este cientista quem primeiro propôs a adoção do sistema binário 0 e 1 (base da informação digital) e indica que um sistema parecido com este já estava em vigor “há 4 mil anos na China de Fo-Hi”. Depois da navegação por inúmeros autores e teorias, Mattelart foca Norbert Wiener⁸ e seu conceito de Cibernética e Claude Shannon que formulou a *Teoria matemática da comunicação*⁹. Com relação a esta obra, na introdução o coautor, Warren Weaver adverte que na contextualização que Shannon havia originalmente formulado o conceito de “informação não deve ser confundido com significado (ou compreensão)”¹⁰, adiantando que na teoria da comunicação a palavra *informação* “se refere não ao que se sabe, mas àquilo que se poderia saber”.

Ainda focando a *sociedade da informação*, Straubhaar reconhece que “inúmeras pessoas não acreditam na idéia de uma ‘sociedade da informação’ e o que isto representa”¹¹ e pergunta: “já que se aceita que a sociedade industrial pode ser considerada como do período moderno, se a sociedade da informação seria uma característica da sociedade pós-moderna?” Realça que muitos teóricos acordam que a modernidade tenha sido a época conhecida como Iluminismo, que data dos anos 1600. Trazendo a questão para nossos dias, e depois de focar as idéias de Jean Baudrillard, Straubhaar reconhece que

“a visão pós-moderna é a que não existe uma verdade universal, aquela na qual o que você pensa depende da sua própria experiência, que depende do grupo a que você pertence, a qual mídia você assina e tem acesso, qual educação você recebeu de sua família, e assim sucessivamente”¹².

Após indagar o que é a *sociedade da informação*, Straubhaar apresenta uma resposta indicando que é “aquela na qual produção, processamento e distribuição de informação são as atividades econômica e social primárias”. Adianta que nela se deve investir cada vez mais tempo com o uso das tecnologias da informação (como telefone e computadores), onde contingentes crescentes de trabalhadores estejam sendo empregados na área e pessoas que processam, produzem e distribuem informação tendo isto como sua atividade principal. Conclui afirmando que a *Sociedade da Informação* representa um passo à frente na evolução da sociedade, das suas bases originais na agricultura, na manufatura e na *economia da informação*, na qual a manipulação da informação era a atividade básica e principal¹³. Nesta variante surgiu o princípio da *gestão do conhecimento* (“knowledge management”) que se transformou em precioso recurso estratégico para a vida das pessoas, mas especialmente para o controle dos processos pelas empresas.

⁷ op.cit. “o projeto de automação do raciocínio formulado por Leibnitz participa da busca de uma língua ecumênica”, p. 15

⁸ op.cit. p.58

⁹ op.cit. p.65

¹⁰ Shannon, Claude e Weaver, Warren. The mathematical theory of communication. Urbana, University of Illinois Press, 1949, p. 8

¹¹ Straubhaar, Joseph e LaRose, Robert. Communications media in the information society. Belmont, Wadsworth Publ.Co., 1995, p.63

¹² op.cit. p.64-65

¹³ op.cit. p.22

Novas formas de exclusão

Qualquer que seja o enfoque, o macro desenho da área revela que é praticamente impossível que o conjunto da sociedade venha a ter acesso aos múltiplos e específicos recursos desta forma de organização, da *Sociedade do Conhecimento*. Esta inequívoca constatação delinea o que ficou conhecido como princípio dos que têm (“have”) dos que não têm (“have-nots”) acesso e domínio da informação, no que ficou conhecido como *hipótese da lacuna do conhecimento* (“knowledge gap hypothesis”). Aqui se reconhece que apesar de todos ganharem com a modernização e incremento dos processos de comunicação, o que vem acontecendo é que a distância entre os que **tinham mais** e os que **tinham menos** acesso à informação se alarga indefinidamente com a implementação sucessiva -e cada vez mais intensa- de mais recursos tecnológicos. De forma concreta, esta constatação nos leva na direção do triste reconhecimento de que as desigualdades não devem mudar de rumo no futuro tecnopolizado. Isto, apesar de Mattelart pontuar a crença de Piotr Kropotkin de que a modernidade traria o fim do período *paleotécnico* (que tem suas bases na civilização fundada no trilho e no vapor, na mecânica e nas redes da indústria pesada) substituindo-a pela era da *neotécnica*, que significa a “libertação do potencial de flexibilidade e de ubiquidade inerente à eletricidade”¹⁴. Assim, alerta que o simples alavancamento tecnológico, aqui simbolicamente representado pela disponibilidade da energia elétrica, não garante a diminuição da carência de acesso aos bens de consumo modernos. Neste sentido, torna-se inevitável acrescentar o princípio da *divisão digital* (“digital divide”), realidade reconhecida e mesmo expressiva de ascensão social, que consolida a separação de impotentes contingentes sociais -e mesmo nações inteiras- na sociedade do conhecimento dos tempos atuais.

Uma distinta formatação vem ganhando espaço, *a economia do conhecimento*, sendo definida “como a mobilização das competências empresariais, acadêmicas e tecnológicas com o objetivo de melhorar o nível de vida das populações”¹⁵. Contini, Reifschneider e Savidan adiantam que, na *economia do conhecimento*

“além dos critérios tradicionais, como renda per capita ou desenvolvimento humano, os países também passaram a ser classificados quanto à sua capacidade de gerar conhecimentos e transformá-los em riqueza”.

Eles observam a área do ponto de vista da economia global, enxergando saídas somente a partir das ações governamentais, com investimentos substanciais em pesquisa de ponta. Deste ângulo, reconhecem que inequivocamente

“Há países produtores de conhecimento, países usuários em vários graus e outros marginalizados desse processo”¹⁶.

¹⁴ op. Cit. p.51

¹⁵ Contini, Elísio, Reifschneider, Francisco e Savidan, Yves. Os donos do conhecimento. Revista Ciência Hoje, vol.34, no. 201, p.16

¹⁶ op.cit. p.17

A objetividade dessas constatações não oferece muitas saídas, a não ser reconhecer a indicação da necessidade de se realizar esforços monumentais em inovação e domínio tecnológicos, conjuntamente com pesquisa e produção científicas. Isto, se esta nação quiser mudar da condição de mera info-espectadora na complexa e sofisticada sociedade dita do conhecimento. Mas, reconhece-se que o caminho não é curto e sem reveses, uma vez que os insuperáveis problemas sociais, políticos e econômicos impedem a caminhada tranqüila e constante na direção da evolução. Resgata-se novamente a imagem da estação por onde transitam trens a vapor e, de repente, o máximo da tecnologia estaciona e nos convida para usufruir simbioticamente dos recursos que apresenta, numa experiência de “mergulho no desconhecido”.

Nesse cenário de paradoxos sócio-tecnológicos explode a evidência de que a condição de passividade de consumidor alienado só vai mudar se, prioritariamente, se investir decididamente em Pesquisa e Desenvolvimento. E, deve-se reconhecer, este é um longo caminho já que no atual momento, enquanto a América do Norte vem investindo 2,7 por cento e a Europa 1,7 por cento dos seus volumosos PIBs, a América Latina destinou somente 0,6 por cento do seu minguado PIB neste segmento.

Comunicação e Conhecimento

No campo das comunicações, a área poderia trazer contribuições concretas neste esforço de mudança de status se conseguisse

- a) recortar e focar melhor o escopo das investigações;
- b) dedicar-se a uma maior compreensão das particularidades do fenômeno;
- c) contentar-se por revelar seus pressupostos a partir da condição real do estado de desenvolvimento do país e
- d) evitar a reprodução da sedutora sofisticação teórica dos intelectuais dos países centrais.

Focando o último item, isto se torna essencial uma vez que esses intelectuais-modelo vivem em sociedades em que se experimentam as delícias da oferta e acesso às informações digitais em todas as suas formas e, para quem, a sociedade pós-moderna é uma realidade vivenciada no dia a dia. Irrecusavelmente, na periferia da vivência plena do capitalismo a realidade é outra.

Na *sociedade do conhecimento* os procedimentos são rigorosa e extremamente precisos e sofisticados, requerendo complexas ações para o domínio de suas vastas possibilidades. Afinal, o dicionário esclarece que o substantivo sociedade, entre muitas definições, pode tratar-se de um

“corpo orgânico estruturado em todos os níveis da vida social, com base na reunião de indivíduos que vivem em determinado sistema econômico de produção, distribuição e consumo, sob um dado regime político, e obedientes a normas, leis e instituições necessárias à reprodução da sociedade como um todo”¹⁷

¹⁷ Novo Dicionário Aurélio, p. 1315

Dessa forma, para tornar-se **societário** do conhecimento, os investigadores do segmento das comunicações deveriam contextualizar suas pesquisas a partir de cuidadoso detalhamento de ações, visando torná-las objetivamente consistentes e evitando desfocamentos que acabariam identificando-os com os “impostores intelectuais”, como foram chamados alguns expoentes estrangeiros da área no livro de Sokal e Bricmont. Estes pesquisadores denunciaram que vários autores, que vêm sendo a referência teórica para muitos estudiosos brasileiros nessa área, e que representam o panteão da teoria francesa contemporânea (Deleuze, Guattari, Lacan etc)

“abusaram repetidamente da terminologia e de conceitos científicos: tanto utilizando-se de idéias científicas totalmente fora de contexto, sem dar a menor justificativa...., quanto atirando a esmo jargões científicos na cara de seus leitores não-cientistas, sem nenhum respeito pela sua relevância ou mesmo pelo seu sentido”¹⁸.

Concluindo, adianta-se que a *sociedade do conhecimento* é muito mais complexa e delicada de ser decifrada do que os seguidores dos profetas do momento parecem conseguir ver. Trata-se de setor que requer deslocamentos interdisciplinares sofisticados para que se possa decodificar suas intrincadas ramificações, sujeitos e abrangências. Pela riqueza e complexidade do tema, espera-se que quaisquer pesquisadores que se aventurarem pelo território devem fazer mais que se limitarem de forma acentuada à simples sedução pela reprodução descontextualizada dos modismos teóricos do momento.

Referências Bibliográficas

- BRAMAN, Sandra. *Defining information – No approach for policymakers*. Telecommunications policy, Stoneham: Butterworth & Co, 1989, p.233
- BUCKLAND, M. *Information and information systems*. New York, Praeger, 1991, p.3
- CONTINI, Elísio, REIFSCHNEIDER, Francisco e SAVIDAN, Yves. *Os donos do conhecimento*. Revista Ciência Hoje, vol.34, no. 201, p.16
- DAVENPORT, Thomas. *Ecologia da informação*. S.Paulo: Futura, 2001, p.18
- MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. S.Paulo: Loyola, 2002, p. 14
- SHANNON, Claude e WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949, p. 8
- STRAUBHAAR, Joseph e LAROSE, Robert. *Communications media in the information society*. Belmont: Wadsworth Publ.Co., 1995, p.63

¹⁸ Op. Cit., p.10